

**CONTRIBUIÇÕES DO CÍRCULO RUSSO
PARA A ANÁLISE DO DISCURSO**

Aline Saddi Chaves (UEMS)
alinechaves@uems.br

1. Introdução

O tema abordado neste artigo, explicitado em seu título, possui um viés teórico evidente, situando-se numa espécie de filosofia da linguagem ou de epistemologia das ciências, que acreditamos ser uma etapa fundamental, o próprio ponto de partida de toda pesquisa científica no âmbito da linguagem, e, sobretudo, de qualquer análise de *corpora* efetivamente produzidos e postos em circulação na sociedade, quer se trate de uma abordagem linguística (filológica, discursiva ou outra), literária ou didático-pedagógica.

Na realidade, essa reflexão faz parte dos desafios com que se defronta todo pesquisador das/nas ciências humanas sociais, quando se vê diante da tarefa de mobilizar conceitos e noções fornecidos pelas mais diversas teorias linguísticas, tanto mais porque exige-se um aprofundamento dessas questões para além do objeto estudado. Reivindicamos, pois, a necessidade inerente a toda pesquisa e a todo pesquisador de refletir sobre a atividade científica, um tema conhecido como a reflexividade do pesquisador.

Em linhas gerais, trabalhamos com a hipótese inicial de que, em se tratando de estudos de língua, e amplamente de linguagem, verifica-se uma dificuldade em preconizar uma objetividade, a exemplo do que ocorre, aparentemente sem riscos, com as ditas “ciências duras”.

Esse posicionamento é compartilhado com o antropólogo francês Bruno Latour (2001), para quem a imagem do pesquisador solitário, genial (Louis Pasteur é seu exemplo) e desvinculado da sociedade em nada corresponde à realidade do pesquisador, que participa de uma rede de outras pesquisas e pesquisadores, e vê-se constantemente imerso em questões da vida prática: prazos, utilidade da pesquisa, julgamento (banca), entre outros.

Nesse sentido, podemos afirmar que toda pesquisa obedece a uma “demanda social”. Embora muito interessante, esse tema nos interessa, nesse artigo, no âmbito restrito da mobilização dos conceitos e noções

convocados no quadro teórico que sustenta o argumento de uma pesquisa, em particular, na lingüística discursiva.

Desse modo, no tocante à pesquisa propriamente dita, intervêm, ao longo do trajeto, questões que muitas vezes não estão ligadas diretamente ao *corpus*, isto é, ao material da análise (textos ou outro), e aos problemas e fenômenos que eles encerram, mas, sobremaneira, ao ponto de vista adotado pelo pesquisador em sua empresa de investigação.

Vê-se, assim, que existe uma dimensão subjetiva presente em toda pesquisa científica que tem por objeto a língua. Um exemplo mais claro disso é a necessidade de realizar recortes, emendas e costuras para poder fornecer uma visão íntegra dos problemas colocados pelo objeto, segundo o ponto de vista adotado, como já dissemos.

Essa visão também é compartilhada com as analistas do discurso Marie-Anne Paveau e Laurence Rosier (2005), para quem:

... nem os conceitos, nem as teorias nascem *ex nihilo*, e é da própria estrutura de qualquer ciência, inclusive quando ela é revolucionária (...), apoiar-se nas proposições de seus predecessores para aplicar-lhes tratamentos diversos: retomada, modificação, enfraquecimento, reviravolta, revisão, etc. (PAVEAU; ROSIER, 2005, p. 1)

Parafraseando Saussure, o pai da lingüística moderna, diremos que não é a teoria que “cria” o objeto, mas é o ponto de vista sobre o objeto ou problema que exige que a teoria se conforme, ou ainda, que os conceitos sofram ajustes, reformulações, de modo que a teoria seja capaz de contemplar os desafios apresentados pelos objetos do mundo mediados pela língua.

Com base nessas reflexões iniciais, apresentamos a seguir as articulações possíveis entre duas teorias da linguagem originadas em contextos distintos e com problemáticas distintas: o Círculo Russo e a Análise do Discurso Francesa (ADF). Tal aproximação pode se revelar produtiva por um lado, mas arriscada por outro. Observe-se de antemão a importância dada à necessidade da contextualização científica nesse tipo de aproximação.

2. A Análise do Discurso Francesa (ADF)

Dentre suas várias definições, a Análise do Discurso de linha francesa se apresenta como uma disciplina (teórica e universitária), uma

teoria do discurso e, ainda, como um dispositivo de análise que visa a instaurar “novos gestos de interpretação” (Orlandi, 2007, p. 26).

Foi fundada na França conturbada do final dos anos 60, encabeçada pelo jovem filósofo Michel Pêcheux, que, junto com seus colaboradores (Guilhaumou, Courtine, Maldidier, Laroche, Gadet, Fuchs, Authier, entre outros), aceitou o desafio de ultrapassar a dicotomia língua-sistema vs fala (*parole*), rumo à determinação socio-histórica dos usos da língua por determinadas instituições sociais produtoras e veiculadoras de discurso (política, religião, escola, etc.).

Dentre as ideias centrais da ADF, destacamos que:

- Os enunciados possuem uma existência histórica/memorial e interdiscursiva;
- Existe uma relação constitutiva entre os funcionamentos linguageiros e os funcionamentos institucionais (*campos*);
- O discurso constitui uma superação da dicotomia saussuriana língua vs fala: ele é a língua (sistema) adicionada das condições de produção do discurso;
- A ideologia possui um papel predominante nessa concepção da linguagem, diretamente tributária do materialismo histórico de Karl Marx. Para Pêcheux (1988), o homem é ele mesmo um “animal ideológico” (Pêcheux, 1988, p. 152);
- A noção de sujeito em nada se assemelha ao sujeito real da comunicação, tampouco ao “enunciador” de Benveniste. O sujeito da ADF é teórico, é justamente o não-sujeito, visto que possui uma margem mínima de controle sobre o que diz, permanentemente traído por seu inconsciente.

Expomos, a seguir, de modo sintético, é verdade, o pensamento do chamado “Círculo Russo” ou “Círculo de Bakhtin”.

3. O Círculo Russo

O chamado Círculo Russo ou Círculo de Bakhtin nasceu na Rússia do início do século XX. Era formado por estudiosos como Mikhail Bakhtin, Volochinov, Toubiansky e Medvedev, uma história entremeada

pelo mistério da autoria das obras¹³⁰. Seus escritos abordam temas variados dentro das ciências humanas e sociais: filosofia, sociologia, crítica literária, linguística, filosofia da linguagem.

O pensamento do Círculo Russo insere-se numa abordagem marxista, avessa ao formalismo na literatura, à linguística estrutural, à noção tradicional de estilo, atenta às determinações socioeconômicas e ideológicas da comunicação, e crítica em relação à ruptura entre teoria e história.

No âmbito exclusivo das reflexões do Círculo sobre a linguagem, destaca-se o conceito de *dialogismo*, que constitui um princípio mesmo da comunicação humana. Antes de nossos discursos, havia os outros discursos. Inevitavelmente, quando tomamos a palavra, inserimo-nos no fluxo verbal já existente. Portanto, nenhuma tomada de fala é monológica. Esse é o chamado *dialogismo interdiscursivo*.

Ao longo da interação, real ou virtual, com um outro destinatário, o discurso também é dialógico, pois o ouvinte, ele também já tendo entrado em contato com outros discursos, pode antecipar o que será dito pelo sujeito falante. Perpetua-se, assim, o fluxo verbal na comunicação humana. Esse é o *dialogismo interlocutivo*¹³¹.

A dialogicidade constitutiva da comunicação verbal toma forma em *gêneros do discurso*. Definidos por um tema, um arranjo linguístico e textual mais ou menos estáveis, os gêneros são vislumbrados como dispositivos comunicacionais sedimentados, tipificados na(s) cultura(s), na(s) sociedade(s), e possuem uma existência histórica, que permite que sejam rapidamente reconhecidos, interpretados, repetidos e renovados, tanto quanto concreta, manifestados em textos.

As obras do Círculo, dentre as quais podemos destacar *Estética da criação verbal*, *Marxismo e filosofia da linguagem*, *Problemas da poética de Dostoiévski*, *Questões de literatura e estética*, entre outras, possu-

¹³⁰ A esse respeito, indicamos a obra de Todorov – Mikhail Bakhtine. Le principe dialogique suivi de écrits du cercle de Bakhtine. Paris: Coll. "Poétique", Éditions du Seuil, 1981 –, que explica em detalhes a conjuntura política e intelectual em que nasce o Círculo Russo, ou Círculo de Bakhtin, como propõe esse autor.

¹³¹ Essa "tipologia" dos diferentes "dialogismos" é proposta por Jacques Bres, por exemplo, em: *Savoir de quoi on parle: dialogue, dialogal, dialogique; dialogisme, polyphonie*. In: Bres, J.; Haillet, P. P.; Mellet, S.; Nolke, H.; Rosier, L. (dirs.). *Dialogisme et polyphonie. Approches linguistiques. Actes du Colloque de Cerisy 3-9 septembre 2004*. Paris: Deboeck.duculot, 2005, p. 47-61, 2005.

em um caráter eminentemente filosófico-antropológico, o que justifica em larga medida a ausência de uma sistematicidade nas análises. Nesse sentido, trata-se de um pensamento muito orgânico, revolucionário, logo, bastante sedutor, o que explica sua boa aceitação no meio científico e acadêmico.

4. Por um ecletismo teórico consciente

Como se vê, trata-se de contextos geográficos, históricos, políticos, intelectuais e teóricos nitidamente distintos. Não obstante, algumas articulações entre a teoria do discurso e a teoria do dialogismo são não apenas possíveis como desejáveis, em particular quando se assiste ao apagamento (ou esquecimento?) de alguns pilares da ADF “original”: o conceito de *formação discursiva*, o corpus doutrinário (rumo às fronteiras fluidas dos *corpora* midiáticos), a questão sensível do sujeito (afinal, há sempre um locutor projetado no texto).

Assumindo, pois, um posicionamento que poderia ser chamado de “ecletismo teórico”, entendemos que o empréstimo de noções e conceitos oriundos de contextos de formulação distintos pode trazer benefícios para a pesquisa, tão-somente na medida em que o objeto de estudo é o maior favorecido.

Para dar conta desse posicionamento, partimos das hipóteses de que (i) um modelo teórico não foi feito para ser “aplicado”, mas para ser “testado”; (ii) os fenômenos e objetos do mundo, veiculados pela língua, são variados, não totalmente conhecidos, mutáveis, e exigem, portanto, que os conceitos e noções disponíveis sejam “trabalhados”; (iii) a finalidade última dessa “bricolagem” teórica é fazer a teoria avançar, supondo-se, logo, que esta não é estanque, apesar de pretender à universalidade.

Vejamos, por ora, as aproximações possíveis entre a teoria do discurso da ADF e a teoria do dialogismo formulada em diferentes escritos pelo Círculo Russo.

4.1. Formação discursiva e Gênero discursivo

Vejamos as duas citações a seguir, sobre o conceito de *formação discursiva*, na ADF, e o conceito de *enunciado* (de gênero) pela ótica do dialogismo do Círculo Russo.

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de *uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa*, etc.). (PÊCHEUX, 1988, p. 160, grifos nossos)

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (...). Esses enunciados refletem as *condições específicas e as finalidades de cada referido campo* (...). Todo enunciado concreto é um *elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo*. (...) Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela *identidade da esfera de comunicação discursiva*. (BAKHTIN, 2003, p. 261, grifos nossos)

Cotejando-se as duas citações, observa-se sem muito esforço que, nas duas teorias, os usos da língua são condicionados pelas lógicas internas, na realidade, ideológicas, dos campos sociodiscursivos correspondentes, aliás, historicamente construídos. Note-se que, na citação de Pêcheux, a expressão verbal das *formações discursivas* são *gêneros discursivos* propriamente ditos – no sentido bakhtiniano –, oriundos do campo da religião (sermão), da política (arenga, panfleto, programa) e da ciência (exposição).

4.2. Interdiscurso e Dialogismo

Com relação ao princípio da interdiscursividade (ADF) e da dialogicidade constitutiva da linguagem (Círculo Russo), vejamos os pontos de contato possíveis:

... o próprio de toda formação discursiva é *dissimular, na transparência do sentido* que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que *“algo fala” (ça parle) sempre, “antes, em outro lugar e independentemente”*, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1988, p. 162, grifos nossos)

Todo discurso é visto como um estado de um *processo discursivo mais amplo*, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. *Um dizer tem relação com outros dizeres* realizados, imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 2007, p. 39, grifos nossos)

O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está *ressalvado, contestado, elucidado e avaliado* de di-

ferentes modos; nele se *cruzam, convergem e divergem* diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. (...) O enunciado está voltado não só para o seu objeto mas também para os *discursos do outro* sobre ele. (BAKHTIN, 2003, p. 300, grifos nossos)

Por essas citações, vemos que os enunciados proferidos pelos falantes são constitutivamente atravessados pelos outros discursos, com os quais concordamos e nos coadunamos (relação de aliança), ou com os quais entramos em conflito (relação de antagonismo). Essa alteridade é constitutiva de todo e qualquer discurso. Portanto, para além da materialidade verbal, há de se considerar a transversalidade do dizer.

4.3. O sentido

A concepção do *sentido* é peculiar em ambas as teorias. Vejamos:

... *As palavras, expressões, proposições, etc., recebem seus sentidos da formação discursiva* na qual são produzidas (...), os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu discurso*) *pelas* formações discursivas que representam “na linguagem” as *formações ideológicas que lhes são correspondentes*. (PÊCHEUX, 1988, p. 160, grifos nossos)

... *o sentido se forma na história* através do trabalho da *memória*, a incessante retomada do *já-dito*; o sentido pode ser cercado, ele escapa sempre.” (MALDIDIER, 2003, p. 96, grifos nossos)

Segundo as *circunstâncias*, segundo o *contexto*, este enunciado terá um sentido diferente a cada vez. (VOLOCHINOV, 1981, p. 301, grifos nossos)

O sentido da palavra *é totalmente determinado por seu contexto*. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p. 106, grifos nossos)

O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no *processo de interação e luta com os pensamentos dos outros*, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2003, p. 298, grifos nossos)

Como se pode observar, o sentido, tanto para a ADF quanto para o Círculo Russo, é originado menos da literalidade do signo do que de suas condições de produção. Na ADF, nota-se um peso maior conferido à historicidade, ao passo que o Círculo Russo se detém ao pensamento/ideia.

Conforme já dissemos, tal aproximação entre dois quadros teóricos distintos apresenta pontos de conflito, importantes de serem apontados para situarmos os riscos comportados por essa amálgama.

Vejam, então, alguns pontos de cisão entre as duas teorias, que podemos considerar como limites, para além dos quais haveria um risco em associar as duas teorias.

4.4. Língua

A língua é determinante na ADF, pois veicula posturas ideológicas, socialmente pré-determinadas. O ponto de ancoragem de tais posturas se dá em unidades linguísticas localizáveis, diga-se de passagem, na língua-sistema de concepção saussuriana. São, notadamente, construções sintáticas e léxico-semânticas.

A título de exemplo, vejamos os slogans de campanha de dois candidatos à prefeitura da cidade de Campo Grande-MS, veiculados em 2012.

- (1) É preciso olhar para as pessoas. (Reinaldo Azambuja)
- (2) As pessoas primeiro. (Edson Giroto)

O slogan (1), do candidato Reinaldo Azambuja, representante do partido político PSDB, foi veiculado em cartazes sustentados por cavaletes, e situados nas calçadas da cidade. O candidato em questão não logrou passar para o segundo turno.

Já o slogan (2), do candidato Edson Giroto, representante do partido PMDB, foi veiculado após o primeiro turno das eleições, o que significa que esse candidato passou para o segundo turno, onde enfrentou outro candidato, Alcides Bernal (PP), este tendo sido finalmente eleito prefeito da cidade para o próximo mandato.

O slogan (1) dialoga em certo sentido com o slogan (2), sendo o ponto de ancoragem o termo “pessoas”, que se insere numa rede semântica que nada tem de aleatório. Na realidade, o candidato Giroto, percebendo que a disputa seria acirrada, resolve mudar a estratégia adotada desde o início da campanha. Assim, o antigo mote, “Campo Grande não pode parar”, que, por sua vez, dialogava com o discurso do antigo prefeito (Nelson Trad), parecia não ter surtido o efeito desejado, a população campo-grandense estando mais sensível às questões “pessoais” (leia-se

saúde, educação, segurança, transporte) do que aos temas propostos no início, relacionados ao progresso físico da capital (obras), na linha das mudanças adotadas pelo então prefeito, em consonância, ainda, com o discurso do governo do Estado, cujo slogan atual é: “Mato Grosso do Sul em pleno desenvolvimento”.

Diante disso, o candidato do PDMB “adota” o discurso adversário: “olhar para as pessoas”, antes de pensar no progresso puramente infra-estrutural da cidade. Nesse sentido, o slogan (2) é exemplar do modo como o sentido circula e se constrói por meio da língua. Além do substantivo “pessoas”, o advérbio “primeiro” (*sic*) indica a orientação que o candidato deseja conferir a seu discurso: “primeiramente, as pessoas; depois, as obras”.

Análises desse tipo são características do analista do discurso. A título de exemplo, o slogan político do primeiro candidato socialista à presidência da França, François Mitterrand – “Ganhamos” (“*On a gagné*”) –, é analisado por Pêcheux (2012) como fazendo parte de uma rede de memória (inter)discursiva, mais especificamente, a apropriação de um enunciado característico das partidas de futebol francesas, uma espécie de brado coletivo. Ao convocar o campo ideológico do futebol, por assim dizer, o candidato socialista procurava um *certo* efeito de sentido, e não outro¹³².

Como é possível notar, um grande peso é conferido à língua na ADF, desde construções sintáticas, até metáforas mais complexas, como esta analisada por Sophie Moirand (2007): a contaminação do frango, em 2005, torna-se o “Tchernobyl aviário”, em alusão à catástrofe nuclear de Tchernobyl, ocorrida na antiga União Soviética em 1986.

No Círculo Russo, a menção à língua, enquanto sistema de signos só é mencionada para criticar o que Bakhtin/Volochinov (2002) denominam “objetivismo abstrato”, em uma crítica clara à lingüística estruturalista. Na concepção dos estudiosos russos, a língua-sistema fornece recursos, mas está desvinculada da realidade da linguagem.

Para o Círculo Russo, a veiculação da língua só se dá no âmbito de uma troca verbal, real ou virtual, que pressupõe a existência de pelo menos um sujeito real (*sujeito falante*) e um ouvinte (*destinatário*). Na

¹³² Detalhes dessa e de outras análises típicas da ADF podem ser consultadas em Pêcheux (2012). Cf. Bibliografia.

ADF, contrariamente, o sujeito de carne e osso, empírico, não é contemplado pelas análises, a não ser como sujeito ideológico, dividido, inconsciente. Nesse sentido, ele pré-existe ao texto.

Não é menos verdade, porém, que, para o Círculo Russo, “a enunciação é de natureza social” (Volochinov, 2002, p. 109), o que coincide em larga medida com a tese da ADF. No entanto, o ponto de ancoragem de posicionamentos ideológicos não está localizado em unidades lingüísticas da ordem do signo, mas em estruturas mais complexas, isto é, em gêneros discursivos que materializam textos.

Ora, os gêneros contemplam muito mais do que palavras ou construções sintáticas. Na realidade, eles abarcam uma multiplicidade de elementos envolvidos na comunicação, sobremaneira o estilo (língua), a construção composicional (tipologias textuais) e o tema (esfera de sentido).

Talvez até mesmo por essa razão, esse conceito ocupe hoje um lugar de destaque na lingüística discursiva. Com efeito, ele permite contemplar massas verbais de dimensão variável: segundo Bakhtin (2003), da frase ao romance, ao passo que, como já dissemos, a ADF histórica possui uma inclinação para a sintaxe, o léxico e a semântica, relegando o problema do texto para outro campo (lingüística textual, por exemplo).

4.5. Sujeito

Outro ponto sensível dessa aproximação é a questão do *sujeito*, sobre a qual, aliás, começamos a falar acima. Com efeito, o sujeito empírico, na teorização fornecida pela ADF, joga apenas na aparência, pois, fundamentalmente, o *sujeito* não tem o controle do sentido, ou ainda, o sentido lhe escapa, na medida em que existe *antes, em outro lugar*; é histórico, ideológico e socialmente construído. Diante disso, o discurso reflete posicionamentos, e nada mais é do que um efeito de sentido (Orlandi, 2007).

Na teorização do Círculo Russo, a questão do sujeito é tratada no âmbito da troca verbal, donde a denominação de uma teoria “sócio-interacionista”, o que revela tratar-se de sujeitos empíricos, “falantes”, que interagem verbalmente.

Patrick Sériot (2007) é, hoje, um dos pesquisadores mais atentos aos riscos comportados por aproximações indevidas entre teorizações

distintas, a saber, os conceitos formulados pelo Círculo Russo e aqueles que se originaram na lingüística discursiva produzida na França.

Esse autor discorda, por exemplo, da leitura francesa do “sujeito” no pensamento do Círculo, que, segundo ele, é frequentemente identificado à problemática da enunciação. Mas, segundo ele, Bakhtin sequer propõe um estudo formal da inscrição dos falantes na materialidade verbal. É o que explica o autor nessa citação:

O que importa, em todos esses casos, é que esses personagens são *peçoas*, e não posições discursivas ou sujeitos da enunciação. Bakhtin insiste constantemente sobre o fato de que seus personagens são “participantes reais da comunicação verbal”, “peçoas que participam da comunicação verbal”, “participantes diretos da comunicação”. (SÉRIOT, 2007, p. 12)

Todas essas reflexões conduzem-nos a algumas considerações finais.

5. *Considerações Finais*

Diante do que acaba de ser exposto, podemos deduzir a gravidade do risco em associarem-se conceitos que foram formulados em contextos geográficos, históricos, políticos e intelectuais muito distintos, o que compromete seriamente o argumento da pesquisa, e, por extensão, os resultados das análises.

Mas, por outro lado, como pudemos desenvolver ao longo deste artigo, o ecletismo teórico pode revelar-se produtivo para a descrição e a análise do objeto estudado, *com a condição* de haver uma contextualização científica dos conceitos e noções mobilizados. Essa medida de precaução, uma verdadeira estratégia de balizagem, permitiria, ao pesquisador, delimitar seu campo de ação e, no mesmo movimento, proteger-se das eventuais críticas.

Parece-nos, entretanto, que a verdadeira vantagem do ecletismo teórico, se praticado com consciência, reside em sua rentabilidade para a análise, considerando-se, como dissemos, que os objetos do mundo, mediados pela linguagem, requerem uma “acomodação” dos conceitos, de modo que estes se ajustem ao problema colocado pelo objeto, e não o contrário.

Além disso, o diálogo entre conceitos formulados em contextos distintos também permite reorientar a análise para novos objetos de estudos, ademais complexos, como é o caso, muito particular, do discurso das mídias na época atual, onde se verifica a associação íntima entre texto e imagem, num arranjo semiótico singular.

Finalmente, cabe salientar a importância de “superar” a teoria, co-tejando, discutindo, reformulando, ajustando os conceitos a fim de que eles estejam aptos a solucionar problemas que ainda se encontram em suspenso. É o caso exemplar da teoria do dialogismo do Círculo de Bakhtin, que permite, entre outros, tratar de questões sensíveis para o analista do discurso, como a heterogeneidade extrema dos gêneros do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN (M. VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002.
- LATOURET, B. *Le métier de chercheur. Regard d'un anthropologue*. Paris: INRA Éditions, 2001.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso – (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. de E. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- MOIRAND, Sophie. *Les discours de la presse quotidienne. Observer, analyser, comprendre*. Paris : PUF, 2007.
- PAVEAU, Marie-Anne ; ROSIER, Laurence. Éléments pour une histoire de l'analyse du discours. Théories en conflit et ciment phraséologique. *Communication au colloque francoallemand: “L'analyse du discours en France et en Allemagne: Tendances actuelles en sciences du langage et sciences sociales”*. Créteil: Céditec, 2, Juillet 2005. Disponível em: <<http://www.johannes-angermueller.de/deutsch/ADFA/paveaurosier.pdf>>. Acesso em: 12-11-2012.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2012.

SÉRIOT, Patrick. Généraliser l'unique: genres, types et sphères chez Bakhtine. *Texto!*, p. 1-22, 2007. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/1996-2007/Inedits/Seriot_Bakhtine.pdf>. Acesso em: 03.09.2012.

VOLOCHINOV, V. N. La structure de l'énoncé. In: TODOROV, T. Mikhaïl Bakhtine. *Le principe dialogique suivi de écrits du cercle de Bakhtine*. Paris: Coll. "Poétique", Éditions du Seuil, 1981, p. 287-316.